

A confluência do design decolonial e sustentável em marca indígena brasileira

The confluence of decolonial and sustainable design in a Brazilian indigenous brand

Suene Martins Bandeira
Virginia Pereira Cavalcanti

Resumo: O objetivo central deste trabalho é refletir sobre a decolonialidade e sustentabilidade na marca de moda indígena Nalimo, no contexto de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento na UFPE (PPG Design). A Nalimo é liderada por Dayana Molina, indígena, ativista, estilista e diretora criativa, reunindo mulheres indígenas em sua equipe. A marca destaca-se pela confecção de peças a partir de resíduos têxteis e técnicas manuais tradicionais, promovendo redução das desigualdades, bem como práticas de consumo e produção responsáveis. O estudo apresenta abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, descritiva e inclui levantamento de dados de campo. Como ativista climática, Dayana Molina expressa, por meio da moda, a inter-relação entre decolonialidade e sustentabilidade, questionando estruturas coloniais e valorizando a cultura originária ao priorizar tecidos orgânicos, sementes e fibras naturais. Dessa forma, a Nalimo representa a confluência do design decolonial e sustentável em suas ações e produtos, incentivando a construção de pensamento crítico-decolonial no setor da moda.

Palavras-chaves: decolonialidade; sustentabilidade; Nalimo.

Abstract: The central objective of this work is to reflect on decoloniality and sustainability in the Indigenous fashion brand Nalimo, within the context of a doctoral research project currently underway at UFPE (PPG Design). Nalimo is led by Dayana Molina, an Indigenous activist, fashion designer, and creative director, who brings together Indigenous women on her team. The brand stands out for its production of pieces from textile waste and traditional manual techniques, promoting the reduction of inequalities, as well as responsible consumption and production practices. The study uses a qualitative, bibliographic, and descriptive approach, including field data collection. As a climate activist, Dayana Molina expresses, through fashion, the interrelationship between decoloniality and sustainability, questioning colonial structures and valuing indigenous culture by prioritizing organic fabrics, seeds, and natural fibers. In this way, Nalimo represents the confluence of decolonial and sustainable design in its actions and products, encouraging the construction of critical-decolonial thinking in the fashion sector.

Keywords: decoloniality; sustainability; Nalimo.

Introdução

Dados da colonização do Brasil, no século XVI, revelam que a população indígena era de aproximadamente cinco milhões de indígenas no território. O fato é que a invasão portuguesa dizimou essa população, sua memória e sua cultura. E mesmo após a colonização a colonialidade permeia nos campos do “poder”, do “saber” e do “ser” brasileiro. Decerto, a cultura originária ainda carrega o estigma de ser inferiorizada e invisibilizada, resultando em racismo, violência e apagamento de direitos indígenas (Mignolo, 2008).

O cenário de povos indígenas no Brasil se caracteriza pela luta constante na defesa dos direitos indígenas previstos na Constituição de 1988, valorização de suas memórias e preservação de sua cultura. A relação das vivências dos povos indígenas para as práticas de design, possibilitam ações e pensamentos decoloniais no desenvolvimento de produtos, assim como a valorização da criatividade indígena, sendo autores principais de suas intervenções e de sua história.

No contexto jurídico e social, o marco temporal é pauta emergente para os povos indígenas, pois impacta no território, na ancestralidade, na saúde e na preservação cultural. Previsto na Lei Ordinária 14.701/2023, o marco temporal muda os critérios de demarcações de terras indígenas, passando a exigir comprovação de posse considerada abusiva, além de permitir a exploração por meio do garimpo ilegal em terras demarcadas como dos povos indígenas, lei inconstitucional que degrada o meio ambiente e a sociedade indígena (Brasil, 2023).

Em agosto de 2024 o Supremo Tribunal Federal (STF) convocou a primeira reunião da audiência de conciliação sobre o marco temporal para a demarcação de terras indígenas, comissão formada pelo ministro Gilmar Mendes e representantes indicados pela Articulação de Povos Indígenas (APIB), Congresso Nacional, Governo Federal, Estados e Municípios. Os Povos Indígenas exigem a suspensão dos efeitos da lei do marco temporal aprovada pelo Congresso Nacional como condição para seguirem a conciliação, mas não foram atendidos e continuam em diálogo, pelo menos até a escrita deste artigo (Richer, 2024).

A aprovação dessa lei se caracteriza como “vácuo jurídico”, em que o país tem uma lei aprovada pelo Congresso Nacional e uma tese jurídica considerada inconstitucional pelo STF, causando conflitos entre os indígenas, os supostos proprietários de terras e a própria lei brasileira. Essa normativa considera que os direitos indígenas são reguláveis, atitude colonial, que flexibiliza o direito, a cultura, a ancestralidade, o bem-viver e a relação dos povos indígenas com o território. Portanto, a lei ordinária é considerada inconstitucional, fragiliza direitos originários, criminaliza retomadas, indeniza invasores e altera o procedimento de demarcação.

O censo de 2022, realizado pelo IBGE revela que o número de indígenas residentes no Brasil era de 1.693.535 pessoas, o que representava 0,83% da população total do país. Em 2010, o IBGE contou 896.917 indígenas, ou 0,47% do total de residentes no território nacional. Isso significa que esse contingente teve uma ampliação de 88,82% desde o Censo Demográfico anterior, em 2010. Essa população carece de respeito às normativas dos direitos indígenas, respeito à sua existência, respeito às suas criações, para que se possa ouvir o som de suas vozes e perpetuar as suas memórias.

Em face ao exposto, a motivação para dialogar sobre decolonialidade e sustentabilidade na marca Nalimo decorre da trajetória da pesquisadora na dissertação de mestrado (PPG Design

UFPE, 2022), “Vestir como cultura: moda e decolonialidade na marca Nalimo” (Bandeira, 2022) e prossegue no Doutoramento em Design na UFPE (ingresso em 2022). A metodologia deste estudo está fundamentada na pesquisa bibliográfica e descritiva (Richardson, 2011), a partir do diálogo com os autores como Vieira Pinto (1979), Gonzaga (2021) e Hooks (2022).

No contexto brasileiro, esta temática é pauta relevante de discussão, realça a necessidade política, social e cultural sobre os povos indígenas no Brasil. Cabe destacar que em abril de 2025, ocorreu uma das maiores mobilizações indígenas do mundo em Brasília – DF, com objetivo de reivindicar direitos indígenas no Brasil. Essa manifestação do “Acampamento Terra Livre” (ATL), acontece há 21 anos e, na sua última edição, contou com cerca de oito mil indígenas (de 180 povos distintos) para dialogar com a União, o Senado Federal e a Câmara dos Deputados. Pode-se dizer que foi a expressão do grito indígena coletivo, pedindo a constitucionalidade da Lei 14.701/2023 (que regulamenta o reconhecimento, a demarcação, o uso e a gestão de terras indígenas). Nessa situação, ao invés do diálogo, os indígenas foram recebidos com repressão violenta por parte da Polícia Legislativa da Câmara dos Deputados e do Senado Federal e da Polícia Militar (ABIP, 2025).

Durante o ATL, aconteceu o lançamento da Comissão Internacional Indígena na Conferência das Nações Unidas sobre mudança do clima (COP 30) previsto para novembro de 2025, na cidade de Belém do Pará, Brasil. Um dos propósitos desse evento é inserir os povos indígenas no centro do debate climático e sustentável, evidenciando a contribuição de suas práticas para o equilíbrio do planeta Terra. Esse evento global realizado no Brasil, oportuniza debates e ações climáticas no país, assim como visibiliza a resistência indígena no contexto nortista do estado (APIB, 2025).

E qual a relação dos direitos indígenas com a moda? Como a moda pode ser instrumento de pensamento crítico acerca dos direitos indígenas? Como os direitos indígenas estão conectados com a decolonialidade e a sustentabilidade? Ao entender a moda como movimento espiralado relacionado ao contexto inserido, ela materializa em peças tangíveis e intangíveis o seu significado, demonstra por tecidos, bordados, estampas e grafismos a identidade de um povo indígena. A moda decolonial é movimento político que estimula pensamento crítico, mobiliza ações decoloniais que fertilizam transformações epistêmicas. É destrinchar o legado colonizado imbricado na moda e suas referências internacionais, é (re)descobrir a identidade originária (Bandeira, 2022).

Considerando que o objetivo deste artigo é refletir sobre a decolonialidade e sustentabilidade na marca de moda indígena Nalimo, questiona-se, qual a relação entre design, decolonialidade e sustentabilidade? Os povos indígenas conectam suas vivências com sua ancestralidade e com o território, assim, o meio ambiente é seu lar, sua fonte de inspiração, sua conexão espiritual. Eles ensinam à sociedade a necessidade de ter ações e pensamentos que valorizem os recursos naturais, conectados ao Bem-Viver (conceito indígena de relação de reciprocidade entre humanos e natureza, conforme Krenak (2020)), com o design aliado à comunicação de atitudes políticas, inclusive no enfrentamento de crise climática e no desenvolvimento de práticas e atitudes cada vez mais sustentáveis.

Procedimentos metodológicos

Para produzir este artigo foi utilizada a pesquisa qualitativa para situar o estado da arte, do objetivo estudado, pesquisa de campo para coleta de dados, cujo ambiente foi a loja física da Nalimo, situada dentro de um espaço colaborativo em Olinda, Pernambuco.

A loja colaborativa em que foi realizada a coleta de dados se chama “Acolhetivo”, visitada no dia 31 de outubro de 2024, por volta das 15:30 horas. Localizada na Rua São Bento, 233, espaço que reúne a marca autoral de Recife (“Rafa q faz”), a marca indígena-boliviana (“Sumapallqa”) e a marca decolonial Nalimo. Vale ressaltar que a etapa de coleta de dados é um recorte da tese de doutorado da pesquisadora.

Durante a visita na loja, análise das peças de roupa (modelagem, estampas e tecidos), ornamentação e em conversa com a recepcionista Rafaela Mendes, constatou-se que a loja física tem apenas sete meses de existência no espaço Acolhetivo. A decoração do espaço é baseada na cultura pernambucana com três araras de peças de roupa, uma de cada marca do coletivo. Além das peças, acessórios, bolsas e livros que estão expostos na loja, destaca-se o livro “Pedagogia da Esperança” de Paulo Freire (Figura 1), autor que trata sobre educação por práticas decoloniais e coletivas.



Figura 1: Painel interno da loja Nalimo (esquerda); livros expostos na decoração (direita).
Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Na ocasião da visita à loja, a pesquisadora intencionalmente vestia uma peça da Nalimo. Rafaela Mendes, vendedora da loja, logo identificou o vestido da sua marca, e ao apresentar o espaço físico da loja, cuidou em justificar que ele ainda estava em reforma. Rafaela comentou que a grande maioria dos clientes são turistas que se hospedam nas proximidades, sendo uma ótima localização e vitrine para divulgar a marca, cujas raízes encontram-se nos povos Fulni-ô, estado de Pernambuco. Os tecidos que representam a marca Nalimo são de fibras naturais, feitos em colaboração com mulheres indígenas e visando a menor degradação possível do território brasileiro, assim como a valorização da criatividade indígena.

A entrevista semiestruturada, realizada com Rafaela Mendes aconteceu na sua forma oral, por meio de áudio gravado no celular da pesquisadora. Esse modelo de entrevista integra questões previamente estruturadas com a flexibilidade necessária para que a participante compartilhe de maneira aprofundada suas narrativas, reflexões e aspectos do processo criativo.

Para este artigo, o conteúdo das perguntas versou sobre informações acerca da loja, sediada em Olinda (PE), tais como: quando a loja foi aberta, número de peças expostas, como está o fluxo de clientes e quais são as perspectivas futuras. As respostas dessa entrevista estão descritas ao longo do texto. Reitera-se que este artigo foi redigido com base na pesquisa bibliográfica sobre a Nalimo, visita ao campo e a entrevista com a vendedora da loja Acolhetivo.

Ao visitar à loja Nalimo, percebeu-se que estavam expostos 23 cabides com peças de roupa da referida marca, incluindo peças clássicas e atemporais, que são vendidas independente de coleções. Além de alguns acessórios da coleção “Capibaribe”, inspirada no rio pernambucano que passa em 42 cidades de Pernambuco, representa a cultura da região, utilizando resíduos e reaproveitamento têxtil. A visita na loja, além da gravação em áudio, teve o registro fotográfico da pesquisadora.

Desse modo, a reflexão sobre a marca Nalimo por meio de visita presencial ao espaço físico, visita virtual e/ou digital (site e redes sociais) e de pesquisa bibliográfica (artigos e dissertação sobre o tema), assim como a atuação da estilista Dayana Molina também é retratada neste estudo, realçando o evento “Global Fashion Summit” 2024, na Dinamarca. Nesse evento, a única brasileira e indígena convidada para falar sobre sustentabilidade na moda foi a estilista da Nalimo, Dayana Molina. Não restam dúvidas, a contribuição de forma internacional da ativista para o diálogo e escuta da ancestralidade indígena, valorização da cultura originária conectada com o território, proporcionando caminhos decoloniais para o futuro da moda (Global Fashion Summit, 2025).

Pensar cientificamente é dialogar com a realidade sócio-histórica e cultural, constituindo conexões necessárias entre o plano das ideias e a materialidade das ações relacionadas à pesquisa e a nossa condição existencial. As escolhas teóricas e metodológicas definem o caminho da pesquisa e as lentes para a compreensão da realidade. Para Vieira Pinto (1979, p. 4) a relação entre cultura e pesquisa científica é necessária para a formação do pensamento crítico, baseado na fundamentação do que pesquisar, por que, como e para que: [...] a apropriação da ciência, a possibilidade de fazê-la não apenas por si e para si, é condição vital para a superação da etapa da cultura reflexa, vegetativa, emprestada, imitativa" e a entrada em nova fase histórica que se caracterizará exatamente pela capacidade, adquirida pelo homem, de tirar de si as ideias de que necessita para se compreender a si próprio tal como é para explorar o mundo que lhe pertence, em benefício fundamentalmente de si mesmo.

Portanto, Vieira Pinto (1979) afirma que a cultura de cada momento representa a mediação histórica que possibilita novas aquisições, ou seja, a cultura se cria a si mesma por intermédio das operações práticas de descoberta das propriedades dos corpos e da produção econômica dos bens necessários à vida social. O autor considera quatro aspectos para a compreensão da função prática na condição de pesquisa científica: intencionalidade, natureza social dessa prática, necessidade de ação conjunta para condução de pesquisas científicas e sua realização efetiva. Assim, para que se compreenda o fazer científico é necessário antes de tudo compreender o observar e o viver. Logo, conhecer é viver e viver é conhecer.

Nesse sentido, este estudo relaciona design, decolonialidade e sustentabilidade em marca de moda indígena em pesquisa qualitativa e se configura com características sociais, antropológicas, culturais e históricas, além de contemplar a compreensão das circunstâncias e contextos que abrangem a questão estudada. Por meio da pesquisa bibliográfica em artigos, livros e sites os

dados foram coletados e relacionados com os autores que dialogam sobre os eixos decolonialidade, sustentabilidade e design de moda.

Nesse sentido, relacionar o design, a decolonialidade e a sustentabilidade da marca de moda indígena Nalimo, por meio de pesquisa qualitativa, decerto, configura características sociais, antropológicas, culturais e históricas, bem como a compreensão das circunstâncias e contextos que emergem da referida investigação. Por conseguinte, a pesquisa em artigos, livros e *sites* subsidiou os dados coletados na entrevista semiestruturada e sua relação com os autores que dialogam sobre os eixos decolonialidade, sustentabilidade e design de moda.

Confluir: moda, decolonialidade e sustentabilidade

Ao considerar que a realidade antropossocial é multidimensional e pluriversal, contém uma dimensão individual, social e biológica, econômica, psicológica e demográfica, logo pressupõe caminho dialógico. Morin (2005) considera o pensamento dialógico como a interação entre pontos de vista diferentes sobre o conhecimento. Esse movimento do pensamento no âmbito do design de moda, decolonialidade indígena e atitudes sustentáveis implica refletir acerca de projetos de produtos em conexão com demandas sócio-históricas e políticas. Nesse sentido, a moda enquanto ferramenta de comunicação e produção sustentáveis e decoloniais pode ser agente social diante do cenário de invisibilidade e apagamento de povos indígenas.

O design de moda promove reflexões diante da sua participação na configuração material e simbólica do mundo. Tradicionalmente o design é relacionado à projeção baseada em métodos centrados no consumidor, sujeito racional e universal, projetando para a escala de mercado, sem tanta preocupação com a experiência, design de serviços ou com as pessoas envolvidas em todos os processos.

Assim, são projetadas soluções homogêneas, consideradas de narrativa única, alienadas das necessidades locais e seus contextos. Essa perspectiva da história única é fundamentada pela autora Adichie (2019), ela apresenta o contexto de sua criação na África diante de referências europeias e estadunidenses na literatura, por exemplo. Que apenas na fase adulta e com o pensamento crítico adquirido, identificou que essas narrativas incitavam indiretamente a comportamentos de pertencimentos conectados à culturas europeias e territórios outros, que não a cultura africana.

A narrativa única da existência humana não contempla as singularidades diante da pluriversalidade. Assim, as rupturas ou descobertas em diversas áreas do conhecimento revelam a face complexa da realidade. O pensamento complexo, conceito desenvolvido e aprofundado por Edgar Morin, a partir das décadas de 1970 a 1980, pressupõe que diante da lente decolonial, cabe reconhecer o real tecido pela coexistência da ordem e desordem, pela incerteza e pelo acaso, pela incompletude e transgressão da visão colonial no poder, no saber e no ser (Bandeira; Bandeira, 2025).

A complexidade da realidade e suas múltiplas possibilidades evidenciam o movimento de decolonialidade, ao se traduzir em teorias e ações nas lutas dos povos originários. Esse processo promove a superação de raízes coloniais presentes nas estruturas sócio-históricas e culturais. Decolonizar é buscar os porquês dos *status-quo* vigentes, os porquês de práticas seculares repetidas que excluem pessoas e saberes, é mergulhar diante da superfície da vida e do conhecimento. É saber de onde vem as práticas coloniais, saber que existem, que moldam a sociedade e relações de poder. É se questionar como ser e estar vivo de forma a contribuir para as relações humanas

confluírem: somar saberes, sem diminuir conhecimentos; multiplicar saberes, dividir saberes, sem hierarquias (Hooks, 2020).

A decolonialidade no design estimula o reconhecimento dos próprios grupos sociais como agentes de produção simbólica e material e conflui com princípios da sustentabilidade, atenta às especificidades locais e disposto a dialogar com modos de vida que operam segundo princípios de cuidado, circularidade e convivência. Então, a sustentabilidade não deveria ser um fim, um lugar a ser alcançado e pronto, mas sim uma postura, uma proposta de dar sentido, condição e coerência ao design.

E ao confluir saberes, a decolonialidade se cruza com todas as áreas do conhecimento, pois ela faz trânsito com as relações humanas. De acordo com Santos (2023, p. 9): “[...] a confluência é a energia que nos move ao compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito. Um rio não deixa de ser rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece”. Sendo assim, ao cruzar com a moda brasileira, a decolonialidade suscita a valorização dos povos originários no campo do design de moda, como ferramenta política de transformação de realidades, materializa em roupas as vivências de um povo, a cultura, a esperança, o manifesto pelos direitos indígenas, as cores da aldeia, a avó, a ancestralidade... a moda que materializa memórias.

O autor Antônio Bispo dos Santos, ou “Nego Bispo”, como preferia ser chamado, atuou como filósofo, poeta, escritor, lavrador, professor e ativista político no contexto de vivências no Quilombo do Saco-Curtume, em Francinópolis, município do estado do Piauí. Entre as palavras germinantes que plantou durante sua existência, a confluência é considerada a força que rende, que aumenta, que amplia, valoriza as relações comunitárias e coletivas:

Quando ouço a palavra confluência ou a palavra compartilhamento pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço troca, entretanto, sempre digo: ‘Cuidado, não é troca, é compartilhamento’. Porque a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende. Quando cheguei ao território em que estou hoje, já existiam outros compartilhantes que nos recepcionaram (Santos, 2023, p. 21).

Logo, confluir é a energia para o compartilhamento, para o reconhecimento e para o respeito. Assim, confluência é um termo considerado decolonial, que se manifesta pelas conexões e pela força da diversidade de lentes que vislumbram a relationalidade, comunidade, valorização do meio ambiente e do compartilhamento de saberes ancestrais entre pessoas. Os saberes e vivências de Santos (2023) retratam o contexto de realidades invisibilizadas da cultura originária. Assim, ao se relacionar esse conceito com a moda, a intenção é gerar reflexão crítica acerca dos modos de se fazer e pensar o design, para que se relacionem a manifestações sociais e políticas e possam atuar como ferramenta de reflexão e mudança social, com base nas necessidades vinculadas aos contextos.

Ao considerar que o campo da moda brasileira se destaca pela influência da indústria têxtil no país, sendo a quinta maior do mundo, emprega cerca de 1,36 milhão de trabalhadores, sendo

mais de 60% mulheres (ABIT, 2025). Assim o mercado de moda gera influência significativa na economia do país, no sustento da sociedade e no desenvolvimento sócio-histórico e cultural, pois o mercado de moda está no cotidiano brasileiro, seja no emprego, seja nas escolhas de vestuários diariamente: como estética, comunicação, identidade, conforto, necessidade... símbolos cognitivos em devir, que se mesclam ao espírito do tempo vigente em determinado território.

E onde estão os criativos indígenas na moda? Questiona-se a presença indígena em posição de protagonismo no Brasil. Como a moda pode se tornar cada vez mais decolonial? Como as pessoas podem ter pensamentos e ações decoloniais mais sustentáveis? Como a pesquisa científica pode contribuir para a valorização dos povos originários e do meio ambiente?

A moda decolonial indígena é a manifestação política materializada em roupas, por meio da potência criativa dos povos originários diante do pluriverso existencial (Hooks, 2020). Assim, a moda é fenômeno espiralado que se conecta ao espaço-tempo e à identidade cultural do estilista, é a lente voltada para a janela da criatividade não-aclamada e para a colaboração. De acordo com Hooks (2020, p. 31): “[...] em uma comunidade de aprendizagem assim, não há fracasso. Todas as pessoas participam e compartilham os recursos necessários a cada momento, para garantir que deixemos a sala de aula sabendo que o pensamento crítico nos empodera”.

Nessa citação, Bell Hooks (2020) cita a colaboração em sala de aula, que se entende à colaboração nas relações humanas, que envolvem a convivência, o aprendizado, a diversidade de pensamentos e contradições inerentes a cada ser vivo e seu contexto, como no caso do processo criativo da moda.

Nesse caso, a moda constitui ferramenta de ativismo político indígena. Moda decolonial não é tendência, não é catálogo internacional, não é a “cor do ano”. Moda decolonial é conexão com território, é dialeto indígena, e no caso desta pesquisa, é confluência com o território, é luta pela redução de desigualdades, pelo consumo e produção responsáveis com a natureza e os seres vivos.

A relação entre decolonialidade e sustentabilidade se manifesta em princípios que lhes são comuns, como por exemplo: ética, relação com a natureza e meio ambiente, justa distribuição de riqueza e poder, envolvimento individual e coletivo, empoderamento comunitário e fortalecimento da democracia. Conforme o teórico Manzini (2008), pesquisador atuante no debate sobre design sustentável, a decolonialidade é um termo considerado recente para dar voz a necessidades de contextos invisibilizados que sofrem desde a colonização do Brasil. Portanto, a sustentabilidade e a decolonialidade confluenciam, somam e fortalecem redes criativas em design que estimulem, facilitem e participem de uma ruptura dos modos de fazer dominantes.

A marca de moda indígena Nalimo

Como exemplo de marca decolonial brasileira, cita-se a Nalimo, criada em 2016 pela estilista e diretora criativa Dayana Molina, descendente dos povos Fulni-ô (Pernambuco, Brasil) e Aymara (povos andinos do Peru). Atua com a moda ativista-decolonial, manifesta sua essência de criadora como uma extensão de si mesma, materializando sua visão de mundo, sua relação com a família, sua conexão com a natureza, práticas sustentáveis e seu movimento político de valorização da cultura originária e luta pela justiça climática.

Dayana Molina nasceu dia 4 de abril de 1988, ela atua no setor da moda desde dezembro de 2007, somando cerca de 15 anos de experiência profissional. É natural de Niterói, Rio de Janeiro, e tem

ascendência do povo indígena Fulni-ô por parte de sua avó materna, Naná, originária do sertão pernambucano, e do povo Aymara por parte da avó paterna, com raízes andinas.

A trajetória de Dayana envolve episódios relacionados a violência, preconceito, racismo e marginalização social. Suas avós representam exemplos de perseverança; Naná, por exemplo, nasceu na aldeia, foi levada por fazendeiros ainda criança para trabalhar, e posteriormente se mudou para o Rio de Janeiro, onde constituiu família mantendo elementos culturais indígenas (Nalimo, 2025).

Nesse contexto, a Nalimo é uma marca de moda ativista, engajada com questões ambientais, climáticas e decoloniais. Colabora com o desenvolvimento de comunidades indígenas na América Latina, visando empoderamento econômico e feito 100% por mulheres. Além disso, utiliza tecidos com matéria-prima orgânica e acessórios criados de forma colaborativa com mulheres indígenas no Brasil e América Latina (Nalimo, 2025).

E eu sempre falo que a Nalimo é mais do que uma marca de moda, a Nalimo é um empreendimento feminino que empodera mulheres em sua produção e que tem um trabalho muito colaborativo e que eu também tento lembrar que toda essa relação com o capitalismo, toda essa relação de romantizar o empreendimento, ela está muito desconectada de quem eu sou. Porque eu sou super pé no chão e eu sempre trago a ideia de que moda é comportamento e moda é muito mais que uma tendência, sabe? É algo político, social. E quando a gente manifesta isso através de uma marca, essa marca já não tem só relação com a moda, só com estética, ela é um agente de transformação no mundo (Bandeira, 2022).

Com foco na criação autoral, a marca colabora em 15 comunidades indígenas da Amazônia e cinco do Nordeste do Brasil. O design das peças possui códigos ancestrais, estética minimalista, cartela de cores baseadas em significados emocionais para a estilista, matéria prima reciclável e biodegradável. Além disso, a Nalimo contribui para a perpetuação da criatividade indígena na moda, criando memórias para as gerações futuras serem representadas tanto no processo criativo quanto na estética, nas manualidades, na modelagem, na matéria-prima e nas histórias contadas colaborativamente pela marca Nalimo.

A estilista Dayana Molina não se baseia em tendências de moda reguladas por padrões de comportamento, empresas coolhunters, visões europeias ou internacionais. Ela materializa na marca Nalimo a sua visão de mundo, a sua conexão com mulheres indígenas que resistem ao marco temporal, ao racismo e aos padrões de beleza impostos pela sociedade. Desenvolve suas coleções de roupa inspirada nas suas vivências, nas suas memórias passadas, vivências em Pernambuco, família, natureza e visão de mundo.

A Nalimo possui ateliê em São Paulo (Rua Barão de Itapetininga, 297, sala 72, bairro República) e sua primeira loja física foi inaugurada em outubro de 2024 em Olinda, Pernambuco. As imagens da Figura 2 mostram o espaço da loja física pernambucana, situada em prédio histórico tombado de Olinda (PE).



Figura 2: Entrada da loja Nalimo (esquerda); produtos expostos internamente (direita)
Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

A motivação da primeira loja física sediada em Pernambuco se conecta à ancestralidade de Dayana Molina, descendente do povo Fulni-ô, neta e bisneta do agreste pernambucano, ela foi criada por sua avó Naná, da qual rememora como inspiração de vida. E assim, mantém contato com seus parentes no sertão pernambucano. Os povos Fulni-ô residem na cidade de Águas Belas, em Pernambuco, região conhecida como polígono das secas, possuindo cerca de 6.000 habitantes, 16% da população do município de Águas Belas (Silveira; Marques; Silva, 2011).

Os Fulni-ô são considerados um dos únicos povos do Nordeste que conseguiram preservar a língua materna *Yaathe*, assim como mantém tradições e costumes de seus antepassados. O ritual de reclusão religiosa *Ouricuri*, é um exemplo da afirmação da identidade Fulni-ô que acontece anualmente, nos meses de setembro a novembro, proibido para não indígenas e indígenas de outras etnias. Tradições como essa, fortalecem a coesão social e cultura indígena (Silveira; Marques; Silva, 2011).

No município de Águas Belas (PE), a marca Nalimo realiza oficinas, trabalho colaborativo, fomenta emprego no local e divulga a sua marca para o centro histórico da cidade de Olinda, repleta de histórias carnavalescas e identidade pernambucana nas ladeiras da cidade, convida olindenses e turistas ao imaginário criativo da Nalimo.

As atitudes decoloniais da estilista Dayana Molina se conectam com o conceito de sustentabilidade social, voltada para a melhoria da qualidade de vida, acesso à democracia e direitos humanos dos povos originários. Dessa forma, colabora com o contexto econômico de sobrevivência e resistência indígena. O design sustentável, conforme Pazmino (2007) é socialmente benéfico, economicamente viável e socialmente equitativo, buscando a melhoria da realidade de sociedades excluídas. Assim, o design sustentável se conecta ao design decolonial que celebra a cultura originária, seus saberes, fazeres e lutas.

Como exemplo de suas criações, cita-se a coleção “Capibaribe: da cidade ao sertão”, desfilada em junho de 2024, na Casa de Criadores, em São Paulo. Esse evento celebra a moda e a arte nacional,

diversidade, sustentabilidade, empreendedorismo, responsabilidade, novas tecnologias e formatos de se fazer e apresentar criações de moda. Assim, a Casa de Criadores é uma plataforma responsável por lançar novos talentos na moda, gerar debates políticos e ativistas na moda brasileira desde maio de 1997, quando foi criada.

A Nalimo apresenta suas coleções de moda na Casa de Criadores desde 2021, em apresentações duas vezes ao ano. Nesse sentido, a coleção “Capibaribe: da cidade ao sertão” homenageia a cultura de Pernambuco, representada pelo Manguebeat, maracatu, La Ursa, matérias primas do sertão, indígenas Xucuru, Pankaru e Fulni-ô. É uma carta para a sua terra originária com símbolos pernambucanos representados na coleção, além de álbum de fotografias familiares de Dayana Molina e mala de retirantes de Pernambuco. De acordo com Molina, sobre a coleção Capibaribe:

A escolha do tema parte da memória afetiva. Esta é uma carta sobre a terra do Maracatu, é de lá que vem uma parte de mim e toda a minha família materna”, explica. “Revelo muitas das minhas emoções e dos meus processos artísticos.” Entre eles, destacam-se a riqueza de texturas, a alfaiataria tropical e o artesanato. Resgatei muitas técnicas e conhecimentos tradicionais passados por minha avó, que produzia peças gigantes e sustentáveis (Sordi, 2024, p. 1).

Dentre as peças da coleção, a representação da La Ursa, personagem do carnaval pernambucano, foi celebrada por um vestido produzido com dez mil retalhos de malha, costurados à mão, um por um (Figura 3). Esses são retalhos que geralmente seriam descartados e foram reaproveitados para criar o efeito de “pluma” que tradicionalmente a La Ursa utiliza. Essa personagem pernambucana é uma agremiação carnavalesca, encena uma pessoa vestida de urso, faz referência ao estilo de vida cigano e nômade.



Figura 3: Vestido com mais de dez mil retalhos de malha
Fonte: Revista Elle 2024.

Foram utilizadas fibras naturais, sementes e manualidades nordestinas como o crochê, renda e bordado, trabalho colaborativo com artesãs do Cariri, Ceará (Figura 5). A coleção fomentou a economia local do Ceará, utilizando técnicas sustentáveis e estimulando a qualidade de vida dos artesãos locais. Vale ressaltar também a relação da coleção Capibaribe com o Manguebeat, movimento contracultural dos anos 1990, com manifestações de Chico Science que foi homenageado pelo vocalista da banda pernambucana “Nação Zumbi”, Jorge Du Peixe que vestia estampa de caranguejo bordada (Figura 4).



Figura 4: Jorge du Peixe, vocalista da banda Nação Zumbi
Fonte: Revista Elle, 2024.



Figura 5: Alfaiataria com fibras e tecidos naturais
Fonte: Revista Elle, 2024.

A Coleção Capibaribe homenageia a cultura de Pernambuco, possui nome do rio que abastece cerca de 43 cidades do Estado e se conecta às raízes ancestrais da estilista, de etnia Fulni-ô por parte materna, sertão de Pernambuco. As peças de roupas possuem significância para além do

tangível das roupas, celebram a decolonialidade indígena e a sustentabilidade no design de produtos criados. Em dezembro de 2024, a Nalimo apresentou mais uma coleção de moda na Casa de Criadores, com a temática “Natureza Surreal”, uma coleção de protesto que chama atenção para a crise climática e como ela impacta a todos, principalmente os povos originários (Figura 6). As peças artesanais são inspiradas na biodiversidade brasileira e encerrou o desfile com um manifesto junto ao *GreenPeace*, questionando a justiça climática, registrada na imagem a seguir:



Figura 6: Desfile
“Natureza Surreal”
Fonte: Instagram
@nalimo__.

Global Fashion Summit 2024: Dayana Molina, primeira brasileira a palestrar sobre moda, decolonialidade e crise climática em evento internacional de moda sustentável

Dayana Molina atua como estilista e ativista política. Outrossim, ao criar suas peças e ao comunicar sua marca, tem se revelado como educadora, pesquisadora e palestrante. Em maio de 2024 participou do *Global Fashion Summit 2024* em Copenhagen, na Dinamarca, o maior evento de moda sustentável do mundo. A única brasileira indígena convidada para palestrar acerca da sua experiência na moda decolonial. Ela discutiu sobre crises climáticas, sustentabilidade e princípios indígenas.

O design sustentável defendido por Dayana, deve considerar as características específicas de cada contexto, reconhecendo e dialogando com os modos de vida locais que já incorporaram princípios de cuidado, circularidade e convivência (Krucken, 2009). Ao respeitar os saberes e práticas de uma comunidade, o design contribui para a valorização das culturas locais e aprimora sua própria capacidade de projetar de forma mais eficiente e responsável.

Além disso, a estilista e ativista também manifesta em seus desfiles, redes sociais e palestras a voz do movimento *GreenPeace*, organização não governamental que atua globalmente para defender o meio ambiente e a biodiversidade (Global Fashion Summit, 2024).

O evento *Global Fashion Summit 2024* aconteceu durante três dias, com painéis, mesas redondas e exposições de novas tecnologias. Nessa oportunidade (Figura 7), Dayana palestrou, afirmando que a moda nunca será sustentável se não incluir todos, ou seja, a necessidade da conexão entre

sustentabilidade e decolonialidade no contexto brasileiro, em busca do fim do colonialismo na moda. Pois o colonialismo reflete referências internacionais de tendências, padrões de beleza, sazonalidade e comportamento que perpetua o racismo e desrespeito à identidade cultural de cada território.



Figura 7: Crachá da estilista Dayana Molina no "Global Fashion Summit 2024" na Dinamarca (esquerda); Dayana no evento. Fonte: Instagram @ dayamolina.

Então eu vejo a Nalimo dentro de uma vertente muito além, mas muito além mesmo, dessas discussões comuns e que também tem uma conexão forte com o processo decolonial, porque eu produzo isso. E eu como autora e liderança criativa de uma marca que eu conduzo, automaticamente, esse pensamento crítico está inserido no meu processo criativo. Então quando eu estou falando de decolonialidade, eu não estou falando na teoria de um livro, eu estou falando de chegar dentro de uma aldeia, de empoderar meninas que estão neste contexto e de empoderar mulheres também indígenas na cidade, na periferia, em todos os lugares desse Brasil e falar: a gente está criando um movimento colaborativo e real. E essa relação, não tem nada mais decolonial que isso! (Bandeira, 2022, p. 112).

Dessa forma, Dayana Molina defende a moda como objeto de transformação na crise ambiental do mundo, em que coexistem diversas formas de se fazer moda. E nesse contexto de reflexão e pensamento crítico nos dizeres e fazeres de Dayana, é possível trazer à tona as contradições e conflitos dos ranços decoloniais e caminhar para buscar atitudes mais sustentáveis. Portanto, as contribuições de Dayana Molina são como sementes estimulantes de pensamento crítico na moda, entendendo esta como manifestação da cultura, exige relação dialética com a formação do ser humano, pois ambos estão em constante movimento.

Considerações finais

Em consideração ao objetivo proposto de refletir sobre a decolonialidade e a sustentabilidade na marca de moda indígena Nalimo, apresentou-se a marca de moda e o trabalho realizado sob a coordenação da estilista Dayana Molina, ativista indígena que trabalha colaborativamente com

diversas etnias indígenas na América Latina. A marca Nalimo comunica em suas peças de roupa a necessidade de mudanças de comportamento para a questão da invisibilidade da cultura dos povos indígenas e dos seus direitos, assim como da preservação do meio ambiente e discussão sobre a questão climática no Brasil.

A marca analisada utiliza tecidos orgânicos, fibras naturais, sementes e manualidades indígenas em design socialmente benéfico, economicamente viável e socialmente equitativo. Os princípios da marca Nalimo se conectam com a atuação decolonial na moda e sustentabilidade em seus processos e produtos. Assim, a marca se relaciona aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU, 2025), para os quais se busca atingir a Agenda 2030 no Brasil, como por exemplo a redução de desigualdades, consumo e práticas responsáveis. A escolha de se consumir a moda que advém de materiais naturais, mão de obra indígena e ativismo decolonial impactam no meio ambiente, na estrutura social e na redução de desigualdades a longo prazo.

O artigo teoriza sobre como diferentes mundos originários coexistem, analisando o design enquanto ação sustentável em marca de moda indígena. Por meio da pesquisa e da reflexão crítica, este processo permite a construção de novas mundanidades relacionais, ou seja, alternativas inovadoras para a organização do mundo. Assim, a moda não necessita restringir-se a normas ou linguagens homogêneas, podendo — e devendo — assumir caráter plural e reconhecer as contribuições dos povos indígenas sem que tal reconhecimento se configure como concessão. Esses povos possuem autonomia, potencialidade e criatividade para ocupar os espaços que desejarem. A liberdade para desenvolver mundos conectados por pontes de respeito, diálogo e colaboração alinha-se à proposta de uma moda decolonial, entendida como expressão do empoderamento cultural e manifestação política articulada pelos comportamentos e práticas têxteis resultantes da contínua luta indígena.

O olhar decolonial diante da vida valoriza a cultura originária, as tradições indígenas ancestrais, o respeito ao diverso, o reaproveitamento de materiais, a perpetuação da manualidade diante da efemeridade das relações e tendências passageiras. A decolonialidade na moda promove o movimento do pensamento crítico, diante das atitudes de compras: entender “o que, por que, como, para quem, de onde vem...”, pensar criticamente e agir consciente do impacto do sistema da moda no meio ambiente e na sociedade, é educar para outros tipos de se fazer moda, focada na durabilidade, ao invés da sazonalidade. É educar para a moda com significado, com identidade, decolonialidade e conhecimento de si e dos contextos.

Assim, a atuação de Dayana Molina na moda decolonial nacional e internacionalmente possibilita a valorização da cultura indígena, potencialização da criatividade ancestral, atuação dos indígenas como personagens principais de suas histórias e, por fim, o pensamento crítico da sociedade para ações e teorias cada vez mais decoloniais e sustentáveis na moda. Portanto, a marca indígena Nalimo defende a moda como objeto de transformação na crise ambiental do mundo, coexistindo diversos modos de se fazer moda, educando e semeando a decolonialidade em sociedade.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (APIB). **Acampamento Terra Livre:** em defesa da Constituição e da vida. 2025. Disponível em: <https://apiboficial.org/atl-2025/> Acesso em: 20 abr. 2025.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE CONFECÇÃO (ABIT). **Perfil do setor.** Dezembro de 2024. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor>. Acesso em 12 fev. 2025.
- BANDEIRA, Suene Martins. **Vestir como cultura:** moda e decolonialidade na marca Nalimo. 2022. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/47162>. Acesso em: 2 fev. 2025.
- BANDEIRA, Suene Martins; BANDEIRA, Hilda Maria Martins. A decolonialidade sob a lente da complexidade. **Contribuciones a Las Ciencias Sociales**, v. 18, n. 7, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.18n.7-362>. Acesso em: 2 set. 2025.
- BRASIL. **Lei Ordinária 14.701/2023.** Regulamenta o art. 231 da Constituição Federal, para dispor sobre o reconhecimento, a demarcação, o uso e a gestão de terras indígenas; e altera as Leis nºs 11.460, de 21 de março de 2007, 4.132, de 10 de setembro de 1962, e 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Brasília: DF, Diário da União, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14701.htm. Acesso em: 2 fev. 2025.
- GLOBAL FASHION SUMMIT. Disponível em: <https://globalfashionsummit.com/> Acesso em: 5 fev. 2025.
- GONZAGA, Álvaro de Azevedo. **Decolonialismo indígena.** São Paulo: Matrioska, 2021.
- HOOKS, Bell. **Ensinoando pensamento crítico:** sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020.
- KRENAK, Ailton. A origem do bem viver. In: KRENAK, Ailton; MAIA, Bruno (org.). **Caminhos para a cultura do bem viver.** S1: Cultura do Bem Viver, 2020.
- Disponível em:<https://cdn.biodiversidadla.org/content/download/172583/1270064/file/Caminhos%20para%20a%20cultura%20do%20Bem%20Viver.pdf>. Acesso 25 jan. 2025.
- MANZINI, EZIO. **Design para inovação social e sustentabilidade:** comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008. Disponível em: https://instrumentosprojetuais.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/02/design-para-inovacca7acc83o-e-sustentabilidade_manzini.pdf. Acesso em: 1 set. 2025.
- MIGNOLO, Walter D. A opção de-colonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso. **Tabula Rasa**, Bogotá, n.8, 2008.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência.** 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- NALIMO. **História.** 2025. Disponível em: <https://www.nalimo.com.br/>. Acesso em: 19 fev. 2025.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil,** 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 13 fev. 2025.
- PAZMINO, Ana Verónica. Uma reflexão sobre design social, eco social e design sustentável. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE DESIGN SUSTENTÁVEL, I., 2007, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: UFPR, 2007. p. 1-10
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- RICHER, André. **Agência Brasil.** STF prorroga para 2025 prazo de conciliação sobre Marco Temporal. Brasília, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2024-11/stf-prorroga-para-2025-prazo-de-conciliacao-sobre-marco-temporal#~:text=0%20ministro%20Gilmar%20Mendes%2C%20do%20terminar%20em%2018%20de%20dezembro>. Acesso em: 3 fev. 2025.
- SANTOS, Antonio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu/Editora Piseagrama, 2023.
- SILVEIRA, Lídia Márcia Lima de Cerqueira; MARQUES, Luciana Rosa; SILVA, Edson Hely. **FULNI-Ô:** história

e educação de um povo bilíngue em Pernambuco. **Cadernos de Pesquisa**, v. 19, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/929>. Acesso em: 26 abr. 2025.

SORDI, Chantal. Casa de criadores 54: Nalimo. **Revista ELLE**. Julho 2024. Disponível em: <https://elle.com.br/desfiles/casa-de-criadores-54-nalimo>. Acesso em: jan. 2025.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Sobre as autoras

Suene Martins Bandeira é Doutoranda em Design no Programa de Pós-Graduação em Design da UFPE. Mestre em Design (UFPE). Especialização em Moda, Varejo e Comportamento do Consumidor (UNIFSA). Graduação em Moda, Design e Estilismo (UFPI) e Graduação em Direito (ICF/Pitágoras). Foi professora substituta do curso Design de Moda na UFPI (2023-2025). Integrante do grupo de pesquisa O imaginário (UFPE).

E-mail: suene.bandeira@ufpe.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2967246138508005>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2871-5222>

Virginia Pereira Cavalcanti é Doutora e Mestre em Estruturas Ambientais e Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP e Designer pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora Titular do Departamento de Design da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Coordenadora do Laboratório O Imaginário: design relacionado aos ambientes industrial e artesanal, processo de configuração e recepção de artefatos, gestão e processos produtivos.

E-mail: virginia.cavalcanti@ufpe.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2292931009490444>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0509-5152>